

A normalidade

Dados Técnicos:

A normalidade
André Nör F.

Organização e Edição: André Nör F.º
Capa: Mário Márcio L. Bilego e André Nör F.º

Nör Filho, André, 1985-
Cuiabá, 2014
e-mail: a.nor.mal.1123.85@gmail.com.br

1. Poesia brasileira. 2. Normalidade. I. Título

Sumário

A normalidade.....	4
I – Há normalidades	5
II – Amores Normais	37
III – Longos e Anormais	64
IV – As Pirações.....	96
V – Adendo Musical	119

A normalidade

Dedicatória:

Este livro é dedicado a todas as Ariadnes que salvaram um homem do labirinto das emoções e ainda permitiram que ele recebesse a alcunha de “herói”, como se a participação delas tivesse sido ínfima, indigna de nota. A história é contada pelos vencedores e detentores de patentes, enquanto quem realmente motivou atos nobres resta esquecido num luar. Pois bem, Ariadnes anônimas, sintam-se homenageadas.

Preâmbulo:

Este livro de poesias é parte de um trabalho de 5 anos no blog *A.Nor.Mal.Idade* (a-nor-mal-idade.blogspot.com), para mais informações e detalhes, acesse o site. Entre poesias, prosas, crônicas, textos acadêmicos e exposições do que me incomodava ou entusiasmava no momento, escrevi o que achava necessário, sem esperar retorno pela parte de ninguém. Entre linhas anormais encontrei o meu normal. Loucura é desistir; andemos, se para frente ou para trás é só uma escolha, o certo é que ao andarilho sequer a sombra o acompanha.

Frase de prefácio:

“Heroico da nossa parte é o esforço de completa identificação com aquilo que nos é contrário; a metamorfose do Diabo em Deus representa esse grau de crueldade” – Nietzsche (VP, § 417).

Parte I – Há normalidades

A normalidade

Ser um burocrata
Arte das mais ingratas!
Ver a superação da rotina,
que a conta-gotas assassina,
é aspiração deveras simplória.

De algoritmos às pampas
quero fugir, resetar.
Ir somente ao que me encanta,
onde chamarei de meu lar,
não será qualquer tola vanglória.

Esse modus operandi
é algo totalmente normal,
mas cochicham logo adiante:
acho que o tal Nor é do mal
Pobre alma, Satã a recolha.

Ignorar renitentes apelos
foi em que me aperfeiçoei
E deixei de pé os cabelos
de Boças, madames e freis,
desses que perduram nas bolhas.

A normalidade, dizem, é algo do bem
Anormalidade – vejam só – é isso também!

Livre ou determinado?

Somos máquinas orgânicas
mas queremos ser biônicas
Somos livres para desejar tudo
mas desejamos nossas vontades
Vivemos tão cheios de opções,
nem sequer percebemos alteridades

Se agimos como auxiliares
não sabemos o que é amor-próprio
Se portamos vis egoísmos
dizem que estamos a usar ópio

Para sermos livres, nos isolamos
e como ficam as necessidades?
São resquícios e reminiscências
de nossa aprisionante vontade

Felicidade atingiremos?
Com livre-arbítrio dissimulado
e determinismo ignorado.

Sem origens, nos espreitam os niilistas.
Vivemos o trágico pessimismo
ou seria o socrático otimismo?

Se não houver razão nem ilusão,
na vida nada se justifica.
Você se importaria, Sofística?

Ultraje

Somente a pele o traja
 Pois a roupa ultraja –
Desapego ou desleixo?
 Pouco importa pra ele
Eu tampouco me queixo.

 São os engravatados
Que trazem a ruína
 Para cá, para os portos.
São porcos, gente assassina
 Isso sim é ultraje!

O que é normal?

Pode alguém me dizer
o que é ser normal?
Um sujeito formal,
o ato paradigmático.

E alguém pode afirmar:
“Eu não sou anormal,
sou um exemplo moral
sem pensamento abismal”?

Poderá não exibir
comportamento animal?
Sempre haverá um decimal,
algo infinitesimal.

Tiro duas lições
da escola Gestalt:
Só vemos as partes,
pensar é à la carte.

Mágoa

Esta mágoa
Estou certo, não há de ser boa.
Sai daqui uma tromba d’água
ela em meu peito lampeja,
rebenta e trovoa.

Um bom domingo

Cadeira de sol na calçada
Cuia à direita, à esquerda a cadela
Releituras sob o relento
Na rua alvoroço, moçada

A vela da mesa

Em cima da mesa a vela queimava
Em cima queimava
a vela da mesa
E a velha, acesa
Por cima dos meus ombros olhava
aquele mundo acabar.

Sobre meus ombros carregava o mundo,
este moço já acabado,
velho antes do tempo
Diante da mesa, vendo a vela queimar.

Meu mundo também se acabava –
eu e a velha, inertes
em cima da vela da mesa.
Ainda por cima vão nos olhar...

A porra de um soneto

Escrever os versos todos certinhos
Por muito tempo foi esse o caminho.
Não para mim; proibido, algo preto,
Mas eis que esboço a porra de um soneto.

Conhece a chata contagem da métrica
Qualquer poeta, mesmo os aspirantes,
Reduzido às velhas linguagens fétidas
Não faz arriscar, nem ir adiante.

É poesia de museu, tardia
Ao incauto e apaixonado irradia
Algum tipo de lírica blasée

Porém, sente logo no bucho azia
O experimentado, ali em companhia
De tantas loucuras para escrever.

Arte Inútil

Toda arte é inútil
Arte só pode não ser útil
Se é útil, então não é arte,
Eis a utilidade da arte

Inutilidade a artistas:
Artistas inúteis
Não fúteis, não úteis.

A sociedade pensa ser útil,
Era para ser, talvez servil
Assim se viu e nos serviu
Mas é antiestética.

O artista é antissocial e
A burguesia, praga da arte
Mania de utilidade:
Utilitarista, o não-artista.

Vida é arte?
Parte cubista e, no verso, normal
Cidadão versus Artista
O índice: inserção social.

Provei minha inutilidade?
Bom, arte sei que fiz
Gostou?
Sou útil! E feliz?

No subsolo

Cá estou, no colo deste subsolo
Há incitação da merencória agonia,
este aviltamento soturno
de irresistíveis juízos noturnos
são densos pesares, eles diriam
Para eu imaginar diversas ciladas
ocasionando o triunfo do nada.

Mas sem o dinamismo do dínamo,
que através da convecção magnetiza
o manto aquecido, o núcleo comprimido.
Decaimento radioativo, em brisas
da tempestade solar protetoras
e das belas auroras formadoras.

Natureza que fornece os abrigos
às cidades e a seus esconderijos.
Corrosão invasiva
e invasão corrosiva?

O covarde beberica seu gim
e se apaga no amoníaco mijo.
Pois quem posso abrigar comigo?
Nem sequer eu asilo a mim...

Memórias, notas, ideias, lembranças
Ah, se ao menos houvesse uma matança,
algo a lamentar, vibrar ou gritar!
Mas não, é apenas o pusilânime
isolado na teimosa hipocondria
Sofre pela acidez que em ninguém ardia,
inda se compraz julgando-se unânime.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

